

Ensino de Jornalismo: prática laboratorial na era da convergência¹

Ingrid Pereira de ASSIS²
Juliana Gobbi BETTI³
Eduardo MEDITSCH⁴

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Objetivando fortalecer um pensamento convergente no ensino de disciplinas laboratoriais no curso de Jornalismo, este artigo traz um breve histórico do desenvolvimento das diretrizes que regem o curso, bem como um panorama contextual que ajuda na compreensão da necessidade do pensamento convergente desde as disciplinas voltadas para a atuação junto às mídias tradicionais. Além disso, sugere aspectos e conteúdos que, se presentes nas ementas dessas disciplinas, permitirão aos estudantes uma vivência, ainda no ambiente universitário, de uma prática mais condizente com as demandas contemporâneas do Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino do Jornalismo; Prática Laboratorial; Convergência; Diretrizes Curriculares Nacionais.

INTRODUÇÃO

O Brasil possui, aproximadamente, 9.780 emissoras de rádio (entre comerciais, educativas e comunitárias) e 272 emissoras geradoras comerciais de televisão, cuja programação é repassada para cerca de 6.200 emissoras retransmissoras⁵. Ainda, estima-se que 97,1% dos domicílios brasileiros possuam televisores e 66,9% tenham aparelhos de rádio (MÍDIA DADOS, 2016). A importância dos meios eletrônicos ultrapassa a magnitude numérica, mantendo-se historicamente ligada ao desenvolvimento social, político, econômico e cultural de cada região. Ao mesmo tempo, registra-se o crescimento contínuo do acesso à internet. Atualmente, mais de

¹ Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, também pela UFMA. Email: ingrid.p.assis@hotmail.com.

³ Doutoranda e Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo. Email: jugobbibetti@gmail.com.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC e Pesquisador do CNPq. Realizou estágio sênior de pós-doutorado na University of Texas at Austin (2010/2011) com bolsa da Capes. Possui doutorado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa, mestrado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo e graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: emeditsch@gmail.com.

⁵ Dados do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

58% da população brasileira utiliza a internet, o que representa um universo de 102 milhões de internautas⁶.

Neste sentido, os processos de digitalização e convergência colocam novamente em pauta o debate sobre as especificidades dos meios e as possibilidades de produção, transmissão e recepção de conteúdos midiáticos. De acordo com Henry Jenkins, esse é um processo de continuidade, não de rupturas. O autor explica que, “se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (JENKINS, 2008, p. 30). Assim, vive-se um momento de inquietude sobre o futuro, em especial, na área do Jornalismo.

Delinear esse cenário se faz necessário para compreender o atual contexto de desenvolvimento do ambiente digital brasileiro, no qual os meios tradicionais competem diretamente com as novas tecnologias, embora mantenham seu espaço e, por vezes, apresentem crescimento. A compreensão disto é importante para a área de Jornalismo e, conseqüentemente, para o ensino de Jornalismo. O profissional preparado dentro das instituições de ensino deve saber atuar nas mais diferentes mídias e, sobretudo, pensar conteúdos de forma convergente, visto que já não se pode mais imaginar um jornalista que entenda uma mídia separadamente das demais, considerando o contexto digital, inclusive das mídias tidas como tradicionais.

Assim, quais as habilidades e conhecimentos devem ser desenvolvidos na formação profissional em Jornalismo? É correto afirmar que a centralidade da questão a torna tão básica quanto imprescindível para a estruturação geral dos cursos e para organização interna das disciplinas. No entanto, é exatamente essa fundamentabilidade que a complexifica. De tal modo que, para respondê-la, faz-se necessário adotar uma perspectiva político-pedagógica que permita refletir sobre as relações contextuais estabelecidas, superando a concepção funcionalista que, muitas vezes, direciona a questão.

Pela gama de direcionamentos que o tema pode suscitar, delimitou-se como foco desta análise o ensino das disciplinas laboratoriais dos cursos de Jornalismo, em especial, daquelas direcionadas à prática dos meios tradicionais (rádio, televisão e impresso). No processo histórico de institucionalização da formação e nas exigências demarcadas em cada período, observou-se o desenvolvimento da prática laboratorial nos

⁶ Disponível em: <http://www.cetic.br/tics/usuarios/2015/total-brasil/>. Acessada no dia 18 de abril de 2017.

cursos brasileiros. A partir daí, buscou-se identificar os desafios contemporâneos da adaptação dos modelos de ensino às inovações oportunizadas pelo ambiente digital e discutir o ensino das disciplinas laboratoriais, no contexto da reformulação dos projetos pedagógicos para atender as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, aprovadas em 2013.

1 O ENSINO LABORATORIAL NA BUSCA PELA AUTONOMIA DO CURSO

Joseph Pulitzer, ao defender seu projeto de Escola de Jornalismo, já destacava, em 1904, a necessidade dos estudantes elaborarem um jornal impresso periódico. “Um jornal como esse poderia proporcionar a prática de todos os ramos do trabalho jornalístico: reportagem, crítica, revisão, redação – tudo, em síntese, o que um jovem deve estar apto a fazer antes de se aventurar a trabalhar como jornalista” (PULITZER, 1904, p.23). No Brasil, os cursos de Jornalismo nem sempre valorizaram da mesma forma as disciplinas práticas de caráter laboratorial. Assim, o tema continua pertinente, por mais antiga que seja a discussão acerca da necessidade de propiciar ao estudante da área experiências práticas que possam prepará-lo para os desafios encontrados no exercício da profissão, nas diferentes redações dos veículos de comunicação.

Ao analisar o desenvolvimento do ensino de Jornalismo no Brasil, Fernanda Lima Lopes identifica que: “em algumas falas, a prática ganhava um sentido oposto ao conhecimento teórico, como se houvesse uma necessária exclusão entre ambas e como se os saberes acadêmicos não fossem úteis para embasar qualitativamente os fazeres profissionais” (LOPES, 2013, p. 96). Além disso, os cursos eram deficientes com relação ao corpo docente, infraestrutura e, ainda, enfrentavam a falta de liberdade durante a ditadura militar.

Aliás, é exatamente no contexto ditatorial que são impostos os currículos mínimos de Comunicação, que subordinam os cursos de Jornalismo. O primeiro em 1969 e o quinto, e último, em 1984. Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, os cursos passaram a ser organizados a partir das diretrizes curriculares, sendo que as primeiras diretrizes para Comunicação foram elaboradas no ano de 1999 e referendadas em 2001 (LOPES, 2013, p. 113). Vale lembrar que no ano de 1962, foi aprovado pelo Ministério da Educação o primeiro currículo mínimo para o curso de Jornalismo, antes que ele fosse transformado em uma habilitação do curso de

Comunicação. De acordo com Maria Elisabete Antonioli (2014), este documento: “(...) criou a disciplina técnica de Rádio e Telejornal, em atendimento às necessidades do jornalismo de televisão, mas, assim como aconteceu com o rádio, foi inserida tardiamente, já que a primeira emissora de TV foi criada no país em 1950” (2014, p. 184).

Contudo, apenas com o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais específicas, o curso de Jornalismo, finalmente, retoma sua autonomia e não apenas isso, também, inicia um processo de revisão que modifica profundamente a estrutura de ensino, partindo da recomendação de que sejam colocados em patamar de igualdade os aspectos teóricos e práticos da profissão. Deste modo, as DCNs propõem que os projetos pedagógicos devem incluir as atividades laboratoriais desde o primeiro semestre do curso, o que antes, muitas vezes, não acontecia. Além disso, apontam que precisa haver integração entre teoria e prática, e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular. É uma mudança na perspectiva pedagógica que rege a estrutura dos cursos objetivando estimular a reflexão aliada à compreensão da experiência.

2 O CONTEXTO TECNOLÓGICO NACIONAL E AS DCNs

Foi a pedido do Ministério da Educação que uma Comissão de Especialistas organizou uma discussão nacional sobre o ensino do Jornalismo. Realizando três audiências e uma consulta pública, a Comissão buscou ouvir os agentes envolvidos no processo jornalístico, da produção à recepção. Assim, em 2009, a Comissão apresentou um relatório com a proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, desvinculando-as das Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Comunicação Social e suas habilitações. As novas Diretrizes foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2013, que estabeleceu um prazo de dois anos para que as instituições de ensino superior adequassem seus cursos.

Apesar de terem gerado certa resistência inicial, as novas Diretrizes Curriculares – também de Cinema e Audiovisual e Relações Públicas, além da de Jornalismo - trouxeram uma nova perspectiva de ensino para as profissões, valorizando, sobretudo, as especificidades de cada uma e atualizando as exigências de formação profissional. No caso do Jornalismo, por exemplo, as mudanças requeridas abriram “mais espaço

para a perspectiva das ciências aplicadas, sem excluir a perspectiva das ciências humanas, que continuará presente” (MEDITSCH, 2015, p. 26).

Neste sentido, as DCNs estabeleceram entre os indicativos a serem observados nos projetos pedagógicos:

V - preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente;

VI - ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão; (BRASIL, 2013)

Tais pontos expressam a preocupação com as mudanças ocorridas no campo profissional. Para alguns, o Jornalismo vive um momento de crise, para outros de desafios. Isto porque, com as possibilidades advindas dos avanços tecnológicos, especialmente da internet, a individualidade dos suportes passou a ser questionada e outros formatos surgiram da transposição e mistura de linguagens em ambiente digital. Exemplos: os podcasts, os vídeos para aplicativos como o Snapchat ou Instagram, vídeos e fotos em 360^o, etc. Para Raquel Ritter Longhi,

[...] o novo, aqui, se refere especialmente a formatos hipermediáticos nos quais a convergência de linguagens em combinação de sentidos é definidora. Não se trata apenas de uma disposição lado a lado das formas de representação verbais, visuais e sonoras, mas de como vem se efetivando a sua aglutinação num todo de sentido que aparece com características específicas do meio (LONGHI, 2014, p.70-71).

No início, o ambiente digital, muitas vezes, servia apenas como um repositório, espelhando, principalmente no caso dos veículos impressos, os conteúdos já publicados. Os recursos interativos próprios dessa mídia, tais como hiperlinks e recursos audiovisuais eram pouco explorados. Foi com a ampliação do acesso e o avanço nas técnicas de medição da audiência on-line que as empresas passaram a investir em conteúdos diferenciados. Neste cenário, os vários meios procuraram formas de aproveitar as possibilidades e de manter sua relevância, disputando espaço nos hábitos de consumo midiático da população, principalmente, nos grandes centros urbanos. Como pode-se presumir, esta tendência exigiu e continua a exigir que os profissionais

busquem formas de inovar, tanto para atender às demandas do público quanto para criar tendências que movimentem o mercado.

De maneira geral, nota-se uma preocupação dos cursos de Jornalismo em acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Ao analisarem os desafios da prática de um jornal-laboratório, Cíntia Xavier e Marcelo Engel Bronosky observam que os itens de infraestrutura possuem grande peso nas avaliações de curso aplicadas pelo MEC e afirmam que:

[...] as universidades, tanto públicas quanto privadas, têm reduzido essa eventual defasagem, se adequando à realidade tecnológica, a partir da oferta de conexões rápidas à internet, laboratórios de informática conectados e integrados, computadores em condições de realizarem procedimentos de navegação na web, edição não-lineares, entre outras tarefas compatíveis com a realidade contemporânea (XAVIER; BRONOSKY, 2016, PP.183-184).

No entanto, embora tenha havido uma melhora nas condições estruturais de forma geral, inclusive facilitada pelo avanço tecnológico, ainda existem diferenças regionais que devem ser consideradas. Não somente com relação ao acesso às tecnologias no espaço universitário, mas, também, considerando os níveis de inclusão digital, cuja diferença pode ultrapassar os 40% ao compararmos os Estados com o maior e o menor acesso à internet. Diferença, esta, que influencia o perfil da produção dos veículos locais, das preferências de consumo da audiência e dos atores acadêmicos (corpo docente e discente).

A última pesquisa TIC Domicílios 2015, realizada pelo Comitê Gestar da Internet no Brasil (CGI.br), pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) e pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), relevou que 34,1 milhões de domicílios no Brasil têm acesso à internet, sendo que as classes mais abastadas têm mais acesso: 97% dos domicílios da classe A têm internet, 82% da classe B, seguidos de 49% da classe C e 16% da D/E.

Em termos regionais, o Sudeste tem o maior número de domicílios conectados à internet. São 17,4 milhões de domicílios conectados e 11,7 milhões, desconectados. Já região Nordeste tem 7 milhões de domicílios com internet e 10,5 milhões sem internet. No Sul, são 5,4 milhões conectados e 4,9 milhões desconectados. O Centro-Oeste tem 2,5 milhões com internet e 2,7 milhões sem. Por fim, a região Norte tem 1,9 milhões de domicílios conectados e 3,1 milhões, desconectados. Este levantamento mostra,

também, que 99% da classe A têm computador em casa, seguido de 84% da classe B, 47% da classe C e 13% da D/E.

Embora venha ocorrendo ainda de forma segmentada, essa ampliação no acesso à internet acarretou o surgimento de um novo perfil de público. Aos poucos, as novas gerações estão se tornando cada vez mais familiarizadas com o contexto digital, naturalizando o uso da tecnologia em meio aos hábitos do dia a dia. É esta geração que vem adentrando as portas da universidade e do mundo de trabalho.

3 ESTRATÉGIAS DE ENSINO LABORATORIAL EM AMBIENTE CONVERGENTE

Foi como ferramenta para a produção de conteúdo que os computadores ganharam espaço nas redações brasileiras na década de 1980. No entanto, com “a digitalização dos meios, suportes e das mensagens de comunicação de massa, nos deparamos com um contexto de reinvenção dos processos comunicativos modernos” (MAGNONI; BETTI, p.154).

A partir da internet, o computador deixou de ser entendido apenas como um equipamento de produção – como é o caso do gravador ou da câmera – e passou a ser entendido enquanto mídia, equiparando-se à televisão ou ao rádio. A geração de profissionais que vivenciou essa transformação continua atuando nos veículos de comunicação e teve, em sua maioria, que explorar essas novas possibilidades dentro dos limites de suas competências e atribuições. Neste sentido, Martin-Barbero (2001) aponta que o processo de digitalização deve vir acompanhado de um treinamento para os jornalistas atuarem neste contexto. Isso foi reforçado, também por Pollyana Ferrari. A autora destaca ainda que: “Quem é capaz de mexer em várias mídias ao mesmo tempo e, além disso, escreve corretamente e em português culto, tem grandes chances de tornar-se um ciberjornalista” (2010, p. 43).

Com este contexto em mente, aponta-se, aqui, a necessidade de possibilitar aos estudantes de Jornalismo uma formação que esteja em conformidade com essa realidade. Neste sentido, busca-se ilustrar algumas sugestões e alternativas para o debate sobre como as disciplinas laboratoriais, sobretudo, as que são voltadas para as mídias tradicionais, podem ser elaboradas tendo como premissa também a convergência.

Nas disciplinas laboratoriais de jornalismo impresso, seja jornal ou revista, faz-se necessário, cada vez mais, permitir ao estudante a compreensão de que tais veículos serão disponibilizados para os leitores via aplicativos para dispositivos móveis, conforme identificaram Rita Paulino e Marina Lisboa Empinotti:

O sistema touchscreen, no entanto, hoje indispensável aos tablets, ganhou força com a entrada do iPhone no mercado, em 2007. Três anos depois, usando sistema operacional semelhante ao do telefone, apenas com a restrição de não realizar ligações por via telefônica, a Apple lança o iPad. Logo a Google divulga o sistema operacional Android, que dominou o mercado de dispositivos que não são da Apple, por ser compatível a aparelhos de diversas marcas. A Microsoft apresenta o Windows 8, totalmente pensado para interação através do toque. (...) O Jornalismo, naturalmente, tenta se adaptar à nova realidade. Revistas e jornais do mundo inteiro lançam suas versões para tablets e iPads (2014, p. 5).

Isto indica o quanto é importante integrar os conhecimentos de disciplinas laboratoriais de jornalismo impresso com os que possibilitam entender de que forma se dá a formulação de uma publicação para tablet, por exemplo.

Quando se fala em jornalismo televisivo, esta nova realidade comunicacional está presente desde a criação da televisão digital até as mudanças no hábito dos telespectadores, que, hoje, dividem a atenção com seus celulares, smartphones e demais dispositivos móveis, que passam a ser a segunda tela. Segundo Carlos Eduardo Marquioni: “Assim, enquanto o espectador assiste ao conteúdo veiculado na televisão (Primeira Tela), ele utiliza outro dispositivo (Segunda Tela) para consultar conteúdos adicionais que lhe interessam, tipicamente relacionados àquele transmitido (2014, p. 4).

Dessa forma, o telespectador e usuário da internet, utiliza as suas redes sociais para comentar o que assiste na televisão, bem como faz uso da câmera do aparelho para capturar momentos e transmitir essas informações via Whatsapp para os jornais. Estes são apenas exemplos pontuais de que como essa relação com a televisão não pode mais ser vista como antes e, portanto, seu modo de produção, também, já não pode ficar congelado no modelo do passado. É preciso incentivar a experimentação no desenvolvimento de trabalhos práticos, que tragam conteúdos acerca dessa nova realidade convergente, mesmo que direcionados para mídias tradicionais.

Na área do rádio, o desenvolvimento das atividades práticas é favorecido pela possibilidade de transmissão e disponibilização de áudio em plataformas digitais, como o SoundCloud. Neste sentido, a facilidade de acesso aos conteúdos produzidos pelos alunos e, por conseguinte, o contato real deles com a comunidade, amplia-se

consideravelmente com a criação de uma webrádio. No entanto, não basta pensar o ambiente digital apenas como repositório de conteúdos sonoros, é necessário experimentar outros formatos de produtos, como o podcast. Igualmente, discutindo formas de potencializar as vantagens da linguagem radiofônica, como a não exigência de uma atenção exclusiva. Outro ponto característico da cultura do ouvir potencializado pela convergência é a ubiquidade. Desde a miniaturização dos equipamentos, após a invenção do transistor, a escuta radiofônica caminhou para a individualização e para o espaço externo. Acredita-se que a utilidade das mídias tradicionais, em especial do rádio, não foi superada pela internet (MEDITSCH, 2001, p.229). Contudo, registra-se a necessidade de ampliar a utilização dos recursos já existentes, bem como de explorar outras tendências da convergência dos meios, suas linguagens, formatos e recursos, visto que elas estão “viabilizando coisas até há pouco tempo impensáveis, por exemplo, o ressurgimento do radioteatro” (MEDITSCH, 2001, p.229-230).

Ressalta-se que tais práticas estão em constante modificação dada a velocidade das mudanças tecnológicas que têm influenciado o modo de fazer jornalístico. Portanto, não cabe aqui pontuar indicações como fórmulas a serem seguidas. Assim, as propostas fundamentam-se na necessidade de compreendermos as transformações nas lógicas de regem as rotinas e processos de produção da notícia, desde a quebra de uma lógica de limitação rígida de tempo e espaço – seja nas horas ou nas páginas que determinam o tamanho do produto -, até a lógica de disponibilidade e demanda do acesso para consumo no momento, local e plataforma de interesse do público. Neste sentido, as disciplinas laboratoriais devem estar em constante atualização, semestre após semestre. Novas redes sociais surgem, novos portais, formatos, modelos comunicativos e de negócios. A consequência disto é que deve-se pensar no ensino do Jornalismo, como um todo, em conformidade com a celeridade destas mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme anteriormente comentado, percebe-se que o Rádio e a Televisão, e até mesmo os veículos impressos, permanecem como importantes espaços de informação na vida dos brasileiros, especialmente, entre os cidadãos cujo perfil socioeconômico dificulta o acesso e a utilização da internet. E, parte dessa relevância está aliada ao

desenvolvimento histórico de políticas públicas de incentivo aos meios, de educação e infraestrutura, mas, também, ao perfil cultural do brasileiro.

Assim, aos jornalistas, coloca-se o desafio de atender às demandas de ambos os públicos, bem como de dominar as linguagens específicas que valorizam os conteúdos produzidos para cada um dos meios ao mesmo tempo em que aproveitam os recursos advindos da convergência.

Mais do que seguir tendências e atender às demandas atuais do mercado, os cursos de Jornalismo necessitam promover espaços de experimentação e inovação. Com base no contexto de convergência apresentado aqui, e da reconstrução histórica do ensino de jornalismo e mudanças recentes, conclui-se que há a necessidade cada vez maior de possibilitar ao estudante de jornalismo ambiente prático, ainda dentro das instituições de ensino. Destacando-se que, neste ambiente, deve haver o estímulo ao desenvolvimento de projetos convergentes.

Observando de maneira geral o ensino do jornalismo, nota-se que alguns cursos ainda estão bastante condicionados ao ensino das técnicas dentro de um cenário de possibilidades e padrões já consolidados e, por vezes, superados, deixando pouco espaço para o exercício da experimentação. Ainda assim, é possível notar, especialmente no material informativo promocional das instituições, a recorrência a termos que remetem à inovação, destacando a importância do tema na formação discente.

Trata-se, sim, de um tema complexo e altamente mutável, mas que precisa estar presente nos processos de formulação e adequação dos projetos político-pedagógicos, especialmente, na tentativa de primar pela inserção transversal dos temas e pela relação complementar entre o conteúdo teórico e as práticas laboratoriais das disciplinas.

Sem o estímulo mais prático dos cursos, a compreensão dos alunos sobre os processos de convergência acaba por se restringir a eventuais pesquisas acadêmicas ou a própria experiência como usuário.

As observações realizadas neste artigo apontam para a necessidade de aprofundamento das discussões sobre as implicações e potencialidades da convergência na produção jornalística. Não somente como forma de investir na formação de alunos inovadores e conectados com o atual contexto, mas, de igualmente demonstrar a importância do conhecimento produzido na universidade para o desenvolvimento de uma sociedade ética e justa.

Por fim, é importante destacar como limitação metodológica do presente artigo o fato de que a proposta integra-se a uma pesquisa mais ampla, que contempla a análise dos projetos político-pedagógicos dos cursos de Jornalismo brasileiros e diálogo com gestores e professores da área. Portanto, este estudo não se esgota aqui, mas apresenta considerações iniciais que fundamentarão a análise dos materiais. Deste modo, as ponderações devem ser entendidas como parâmetros indicativos para a avaliação das mutáveis potencialidades jornalísticas e educacionais, que vêm sendo incorporadas ao ensino laboratorial, tanto em disciplinas que focam nas mídias digitais, quanto em mídias tradicionais. Aponta-se, assim, para a continuidade deste estudo.

REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 4, n. 15, p. 182-197, jul./dez. 2014.

AGUIAR, Leonel. **As diretrizes curriculares e a formação específica em jornalismo.** Revista ALCEU - v. 14 - n.27 - p. 162 a 175 - jul./dez. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências.** Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo - Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação.** Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital.** São Paulo: Editora Contexto: 2010.

GRUPO DE MÍDIA. **Mídia Dados 2016.** Disponível em: <<https://www.gm.org.br/midiadados>>, Acesso em 05 jan 2017

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Na fundação da primeira Escola de Jornalismo do Brasil, Cásper Líbero gera o conceito de Jornalismo Moderno. In: **Revista PJ:BR**, edição 03. São Paulo: ECA/USP, 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3_b.htm>, Acesso em 18 jan.2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Ensino do Jornalismo nos tempos de convergência digital: diretrizes para ação. In: MACHADO, Elias (org.). **O ensino de Jornalismo na era da convergência: conceitos, metodologias e estudos de caso no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2011.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica.** São Paulo: Editora Paulus, 2013.

MAGNONI, Antonio Francisco; BETTI, Juliana Gobbi. A digitalização, a convergência e as novas interfaces do rádio. In: CARVALHO, Juliano M.; MAGNONI, Antonio F.;

PASSOS, Mateus Y. (Org.). **Economia política da comunicação: digitalização e sociedade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013

MARQUIONI, Carlos Eduardo. Adaptações culturais nos modos de assistir TV: a experiência de Segunda Tela e o ambiente de software do Jornal da Cultura. In: **Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. São Paulo: Intercom 2014.

MARANINI, Nicolau. A trajetória de um pioneiro. **Pensamento Comunicacional Latino Americano (PCLA)**, São Paulo, vol. 1, nº 1. 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **As diretrizes críticas e a crítica das Diretrizes: o “conflito das faculdades” na área acadêmica de Comunicação**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 3, nº 5, janeiro-junho/2015

_____. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; BIANCO, Nélia R. Del. **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir: a função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

PAULINO, Rita de Cássia Romeiro; EMPINOTTI, Marina Lisboa. Produtos jornalísticos para tablets como ferramentas pedagógicas: estudo de caso do Golpe de 1964. In: Anais do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014. Florianópolis: Rede Alfredo de Carvalho; UFSC, 2014.

PULITZER, Joseph. **A Escola de Jornalismo: a opinião pública**. Florianópolis: Insular, 2009.